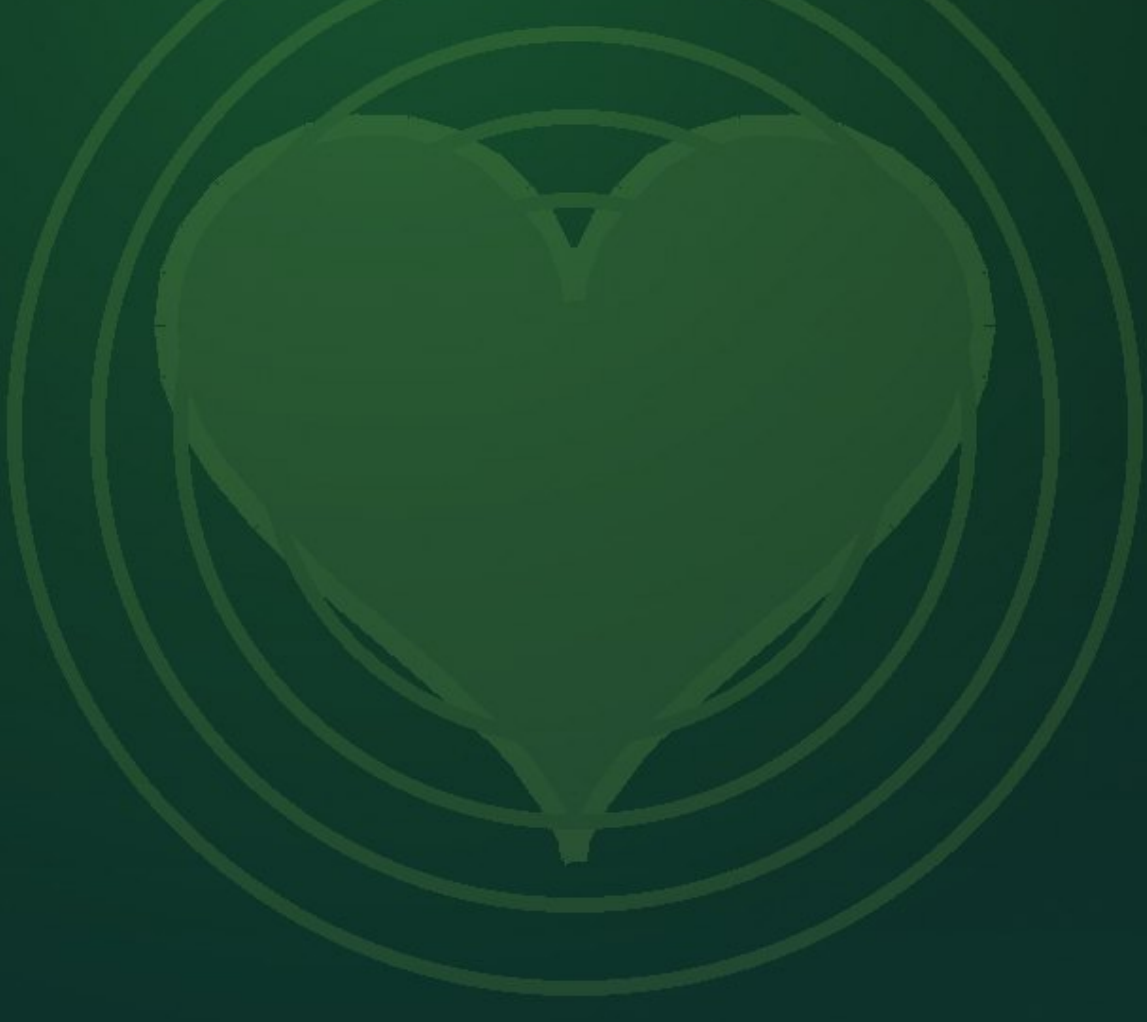
Amor de Salvação

Camilo Castelo Branco



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Amor de Salvação

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

AMOR DE SALVAÇÃO

AMOR DE SALVAÇÃO

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

A heavy price must all pay who thus err,
In some shape; let none think to fly the danger,
For soon or late Love is his own avenger.

BYRON--_Don Juan, c. IV. est. 73_.

L'amour n'a point de moyen terme: ou il perd, ou il sauve.

V. HUGO--_Les Misérables_.

PORTO
EM CASA DA VIUVA MORÉ--EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO
A mesma casa em Coimbra, rua da Calçada.
Casa de Commissões em Paris, 2bis, rua d'Arcole.
1864

PORTO--TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA

SILVA TEIXEIRA

Cancella Velha, 62

A JOSÉ GOMES MONTEIRO

Meu amigo

Peço licença para inscrever o seu nome na primeira pagina d'este livro. Esta fica sendo para mim a mais prestante da obra. As outras são futilidades; por que lagrimas e alegrias de romance é tudo futil.

No Minho, em 1864.

Camillo Castello-Branco.

OBSERVAÇÃO

O leitor folhêa duzentas paginas d'este livro, e o amor de felicidade e bom exemplo não se lhe depara, ou vagamente lhe preluz. Tres partes do romance narram desventuras do amor de desgraça e mau exemplo. A critica, superintendente em materia de titulos de obras, querendo abater-se a esquadrinhar a legitimidade do titulo d'esta, póde embicar, e ponderar--que o amor puro, o amor de salvação vem tarde para desvanecer as impressões do amor impuro, do amor infesto.

Respondo humilimamente:

Amor de salvação, em muitos casos obscuros, é o amor que excrucia e deshonra. Então é que o senso intimo amostra ao coração a sua ignominia e miseria. A consciencia regenera-se, e o coração, rehabilitado, avigora-se para o amor impolluto e honroso. Assim é

que as enseadas serenas estão para além das vagas montuosas, que lá cospem o naufrago aferrado á sua tabua. Sem o impulso da tormenta, o naufrago pereceria no mar alto. Foi a tempestade que o salvou.

Além de que a felicidade, como historia, escreve-se em poucas paginas; é idyllio de curto folego: no sentir intraduzivel da consciencia é que ella encerra epopeas infinitas;--em quanto que a desgraça não demarca balizas á experiencia nem á imaginação.

Para o amor maldito, duzentas paginas: para o amor de salvação as poucas restantes do livro. Volume, que descrevesse um amor de bem-aventuranças terrenas, seria uma fabula.

O AUTHOR.

AMOR DE SALVAÇÃO

I

Estava claro o céo, tepido o ar, e as bouças e montados floridos. O mez era o de Dezembro, de 1863, em vespera do Natal.

A gente das cidades pergunta-me em que paiz do mundo florecem, em Dezembro, bouças e montados.

Respondo que é em Portugal, no perpetuo jardim do mundo, no Minho, onde os inventores de deuses teriam ideado as suas theogonias, se não existisse a Grecia. No Minho, ao menos, se buscariam aguas lympidas para Castalias e Hipocrenes. No Minho, a Cythéra para a mãe dos amores. Nos arvoredos d'esta região de

sonhos, de poemas, e rumores de conversarem espiritos, é que os satyros, as dryades e os sylvanos sahiriam a cardumes dos troncos e regatos: que tudo aqui parece estar dizendo que a natureza tem segredos defesos ao vulgo, e como a entreabrirem-se á phantasia de poetas.

Mas que flôres... quer o leitor saber que flôres vestem os calvos e denegridos serros do Minho, em Portugal. São flôres a festões, cachos de corolas amarellas, viçosas, e aveludadas como as dos arbustos cultivados em jardins: é a florescencia dos tojaes, plantas repulsivas por seus espinhos, alegres de sua perpetua verdura, unicas a enfeitarem a terra quando a restante natureza vegetal amarellece, definha, e morre. E d'esse privilegio como que o agreste arbusto se está gozando soberbamente; pois que vos amostra as suas pinhas de flôres, e com os inflexiveis espinhos vos defende o despojal-o d'ellas.

E n'aquelle dia 24 de Dezembro de 1863 andava eu no Minho, por aquella corda de chans e outeiros, que abrangem quatro leguas entre Santo Thyrso, Famelicão e Guimarães.

Eu, homem sem familia, sem mão amiga n'este mundo, ha trinta annos sósinho, sem reminiscencias de caricias maternaes, bem-quisto apenas d'uns cães, que pareciam amar-me com a clausula de eu os sustentar e agasalhar; eu, que, n'aquelle tão festivo dia da nossa terra, não tinha colmado onde me esperasse um amigo pobre para me dar entre os seus um lugar no escabello, nem parente abastado, que de mim se alembrasse á hora dos brindes com generosos vinhos em lucidos crystaes, eu, vendo-me com lagrimas em minha sombra, assim me fôra a contemplar a felicidade alheia pelas chans e outeiros do devoto Minho.

Eu caminhava a pé, guiando-me ao sabor da imaginativa idéa, que se deleitava em vestir de folhagem a arvore nua, e tristemente inclinada sobre o colmado do casalejo. Parava em frente de cada choupana, e meditava, e escutava o rumor das vozes que lá dentro, ou no ressaio da horta, se misturavam em dizeres alegres ou cantilenas allusivas ao nascimento do Deus-menino. Diante dos portões gradeados do proprietario rico é que eu não parava, nem meditava. Se lá dentro de suas salas iam alegrias, como em casa do jornaleiro, não sei: o certo era que as paredes da habitação opulenta não deixavam sahir uma nota para o hymno geral de graças e jubilo com que a pobreza saudava o Emancipador dos desherdados, o Senhor dos mundos, nascido e gasalhado nas palhinhas de um presepio.

O sol, desnublado de vapores, como nas tardes serenas de Julho, oscillava nas montanhas do poente, e azulejava as grimpas dos pinheiraes, d'onde eu, a contemplal-o, me esquecera da distancia a que me alongára da casa hospedeira d'aquella noite. Transmontado o sol, desceu das cumiadas um toldo pardacento a desdobrar-se pelos plainos, a confundir-se no fumo das aldêas, a identificar-se com o escuro dos arvoredos. Fez-se um silencio progressivo e rapido em redor de mim. Começava a noite sem bafejo de vento. Nem já a rama dos pinhaes rumorejava aquelle seu saudoso sonido, que se me figura sempre a inarticulada toada de mui remontadas e remotissimas vozes de mundos que giram nas profundezas do espaço.

Tirei-me do meu enleio contemplador, e retrocedi pelo mal sabido atalho, antes que a cerração completa me tolhesse de enxergar ao longe o alvejar da casa, entre dous outeiros. Não valeu a precaução. Ás abas do declivoso montado, eram muitos os caminhos a cruzarem-se. Segui um á sorte; e, como prova de que a sorte nem em

escolha de caminhos deixou de ser-me sempre boa, segui o peor e o mais transviado de todos. Por volta de sete horas, depois de dobrar uns serros inhabitados, achei-me n'uma póvoa, onde me disseram que eu, por aquelle caminho, chegaria mais cedo a Roma que ao local onde me destinava.

A pessoa, que respondeu assim á minha pergunta, fallou-me d'uma janella envidraçada, e acrescentou:

--O senhor, se não sabe o caminho, como de facto não sabe, pelo tino é incapaz de acertar. O que eu posso fazer é mandar alguem ensinal-o; mas, se não é força ir hoje, pernoite n'esta casa, e amanhã irá. Verdade é que, n'esta noite, custa muito a ficar em casa estranha; porém...

--Todas as casas são estranhas para mim...--respondi eu.

--Pois então, aceite esta que se lhe offerece da melhor vontade. O portão está aberto. Lá vou abaixo recebel-o.

Entrei n'um vasto pateo, contornado de arcadas semelhantes ás da claustra monastica. Logo em seguida, o hospitaleiro senhor do magnifico edificio sahiu do escuro da arcaria, e disse-me antes de me vêr de perto:

--Eu já sei quem recebo em minha casa, e o meu hospede, se tiver memoria dos seus relacionados de ha quinze annos, tambem me vai conhecer.

--Pela voz ainda não--disse eu, encarando-o, sem vislumbres de vaga recordação.

--Alli temos luz--replicou elle--Muito velho e desfigurado devo estar,

se nem á candêa me reconhecer vossê!...

Examinei-o á luz attentamente; e, como nem assim me acudisse á memoria semelhança de tal homem, retorqui:

--O senhor talvez esteja enganado commigo. É provavel que nos vejamos agora pela primeira vez.

--Então qual de nós é o romancista? Vossê que os anda a procurar, ou eu que estou manso, quieto, e estupido em minha casa? Quererá vossê ir dizer em alguma novella que encontrou n'um recanto do Minho um visionario chamado Affonso de Teive...

--Affonso de Teive!--exclamei eu--Affonso de Teive... o senhor?! Essas barbas... essa nutrição...

--E estes oculos...--atalhou elle.

--É verdade... esses oculos...

--E estes tamancos!...

--Pois, devéras, o senhor é Affonso de Teive... tu és Affonso... aquelle que tinha em Lisboa...

--Uma casa no Campo Grande, e uma parelha de hanoverianas, e um phaetonte, e uma berlinda, e cavallos arabes, e paixões ideaes, e muitas paixões sem faisca de idéa... Sou eu! É este homem gordo, intonso, de oculos, de tamancos, este lavrador, que aqui vês, possuidor d'um thesouro que os reis do universo disputam ha dezenove seculos uns aos outros, e as nações disputam aos reis, e os individuos disputam ás nações, e cada individuo disputa e destroe em si proprio e com as suas proprias mãos: sabes que thesouro eu possuo, homem?

--A paz?

--A felicidade.

--Isso é uma historia!--atalhei eu--Pois tu achaste a felicidade?... e tu és realmente Affonso de Teive?... E estes dous pequenos?--perguntei eu, quando vi dous meninos entre seis e oito annos a correrem em direitura d'elle--são teus filhos de certo...

--São, e lá em cima não ouves o tropel que fazem os outros seis?

--Pois tens oito filhos?

--Espero o nono brevemente.

--E és...

Retive a palavra. Ia eu perguntar-lhe grosseiramente se elle era feliz com oito filhos; pergunta desculpavel ao Affonso, que eu conhecera desde 1845 até 1851.

Eu tinha visto Affonso de Teive, em Coimbra, n'aquella primeira época, matriculado no curso philosophico. Pertencia ao circulo de litteratos, creadores da _Revista Academica_ e _Trovador_; e tambem, nas horas furtadas ás palestras litterarias--quasi sempre controversias ácerca da primazia de Lamartine ou Victor Hugo--pertencia á grande tribu dos _trossistas_, gente arruadora e desatinada, para quem as saudosas tradições do famigerado José Lobo não tinham ainda esquecido. Esta dualidade em Affonso de Teive era uma distincção, que o tornava menos agradavel aos litteratos circumspectos, e menos estimavel tambem aos camaradas das assuadas e motins nocturnos. Affonso era poeta n'um genero galhofeiro, quando queria; e dedilhava o alaude das elegias, se lhe

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com